



A cultura transforma

Da capoeira ao hip hop, um caldeirão de oficinas promove a inclusão social e o avanço da cidadania

A arte tem um imenso poder transformador, tanto no plano dos indivíduos quanto no da sociedade como um todo. Essa idéia está presente nas estratégias de gestão da prefeitura de Londrina, no Paraná, uma das maiores cidades da Região Sul, conhecida pelo dinamismo da sua vida cultural. “O cidadão tem direito à subjetividade, que significa o que as pessoas são em suas emoções, em seus sonhos”, afirma o secretário municipal de Cultura, Bernardo Pellegrini. “A cultura faz essa ponte entre o interior de um indivíduo e a vida social.”

Quando assumiu o comando da cidade, em 2001, o atual prefeito Nedson Micheleti, do PT, pôs em prática um modelo que tem como base a visão da política cultural como um bem público. Para ser um cidadão pleno, o indivíduo deve ter não só direitos sociais, mas também o de se expressar criativamente. “A cidade oferecia um leque cultural diverso, mas acessível a um público limitado”, diz o secretário Pellegrini. Londrina tinha um centro, que abrigava uma série de equipamentos culturais, como teatros e museus; e uma periferia, onde as iniciativas na área da cultura eram praticamente nulas.

Fotos: Joana Eça de Queiroz



Em Londrina, há oficinas de diversas linguagens artísticas, como a de artes circenses

Para todos os gostos – “Era preciso fazer as manifestações artísticas circularem em toda a cidade”, explica o secretário. Criou-se em agosto de 2001 o programa Rede da Cidadania, cujo objetivo é permitir o acesso de toda a população a atividades artísticas estimuladas pela prefeitura. “A idéia era transformar escolas, creches, praças e clubes em aparelhos culturais, promovendo oficinas para a população local”, afirma o coordenador da Rede da Cidadania, Waldir Grandini.

Entre os projetos da Rede estavam capoeira expressiva, artes circenses, cinema e vídeo, dança, artes de rua, cultura popular, artes plásticas, artesanato e artes cênicas. O programa foi lançado em oito pontos da cidade, atendendo 1.215 pessoas, em 46 oficinas. Em 2003, esses números já aumentaram significativamente. Foram 91 oficinas em 31 lugares, com 1.800 participantes. Para este ano, a previsão é de que 2.200 pessoas participem das oficinas, que terão três novas linguagens: musicalização e percussão, fotografia e criação literária.

A prática dessas oficinas produziu uma rica experiência de desenvolvimento da cidadania e de inclusão social. A capoeira expressiva, que resgata as características essenciais dessa linguagem corporal, foi introduzida em alguns bairros com o objetivo de amenizar o ambiente de violência causado pelas disputas entre traficantes de drogas. “Esse tipo de capoeira é baseado na cooperação e usa menos violência”, conta uma das responsáveis pelo projeto, Adriana Tavares.

Paz na comunidade – Nas oficinas de hip hop, os professores sentem que as aulas estão diminuindo a agressividade das crianças e dos adolescentes. “Existem diferentes facções de

tráfico, mas temos uma combinação com os alunos de que, nos shows, ninguém briga com ninguém”, diz Sérgio Ezequiel de Souza, o rapper Sergin, que comanda uma oficina da Rede.

O trapezista Pedro Quisada, de 17 anos, conquistou destaque graças às oficinas. No ano passado, foi chamado por seu professor no projeto, Sérgio Oliveira, que é um dos artistas da trupe Aero Circus, a fazer parte do grupo profissional. O jovem, que antes “ficava na rua, sem nada para fazer”, hoje em dia ocupa seu tempo com ensaios e espetáculos do grupo circense. Recebe R\$ 100 por apresentação. Agora, ele transmite seus conhecimentos a outros adolescentes, dando aulas de circo nos pontos da Rede. “Circo é tudo, porque

os alunos aprendem a fazer uma coisa da vida”, afirma Pedro.

Em paralelo à Rede da Cidadania, a prefeitura tem promovido outras ações. Foi criado, por exemplo, o Fundo Especial de Incentivo à Cultura, por onde passam quase todos os recursos que financiam os projetos culturais. Com o fundo, o dinheiro é repassado diretamente do orçamento municipal para os projetos, sem intermediação. A população participa da escolha dos projetos a serem patrocinados. Com a criação do Conselho Municipal de Cultura e dos conselhos regionais, os moradores discutem suas necessidades e levam as reivindicações ao poder público.

Joana Eça de Queiroz, de Londrina



O poder do hip hop

Morador do conjunto habitacional Maria Cecília, uma das regiões mais pobres e violentas da cidade, Sérgio Ezequiel de Souza, mais conhecido como **Sergin**, entrou para o tráfico de drogas aos 14 anos, vendendo crack e maconha. Detido duas vezes em centros para menores delinquentes e uma vez numa prisão convencional – todas elas por assalto a mão armada –, Sergin conseguiu sair do crime e

das drogas graças ao hip hop. No final de 2002, emocionou-se ao voltar ao Centro Integrado ao Adolescente Infrator, desta vez para promover oficinas de break para os internos. “Foi a maior satisfação voltar lá e passar algo de bom para pessoas que estão sofrendo como eu sofri”, diz Sergin. Rapper e dançarino de break (modalidade pela qual se apaixonou ainda moleque, com 9 anos), Sergin é instrutor de hip hop nas oficinas da Rede da Cidadania. Já livre da dependência química, sustenta a família com o que recebe por seu trabalho na Rede. No começo de 2004, publicou o livro *Hip Hop e Eu – Uma Biografia*, relatando as dificuldades que enfrentou e seu processo de recuperação.

